



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Mulher, Pesca e Ambiente<sup>1</sup>**

**Denise Machado Cardoso\***

Antropóloga e Professora Assistente do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará.

Doutoranda do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA

Demacard@aol.com

### **Resumo**

A catação de caranguejo (*Ucides cordatus*) desenvolvida por mulheres caboclas em áreas do litoral norte da região amazônica, precisamente no nordeste paraense, possibilita a análise da problemática ambiental e relações de gênero a partir de uma abordagem antropológica sobre uma parcela da população tradicional amazônica. Quando a questão ambiental é tratada em termos de conservação, manejo e conhecimento de recursos ambientais. A pesca desenvolvida nas áreas de manguezais na vila de Guarajubal é feita artesanalmente e direcionada à captura e beneficiamento do caranguejo, com o trabalho decisivo da mulher a partir da maior demanda nos centros urbanos próximos a esta vila. O trabalho das catadoras, embora não seja enfatizado no âmbito público, possibilita que tais mulheres manifestem-se em relação aos problemas ambientais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catadoras, Pesca, Ecofeminismo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Mulher, Pesca e Ambiente**

### **Introdução**

O trabalho feminino na pesca é geralmente pouco considerado, principalmente quando esta pesca se refere à captura de crustáceos. Tal desconsideração pode ser explicada por inúmeros fatores, como por exemplo a divisão bipolar do trabalho que atribui equivocadamente à mulher o trabalho na terra e ao homem o trabalho no mar, ou ainda a desconsideração das atividades secundárias da pesca (conserto de redes e salga de peixes por exemplo). Há ainda, no âmbito mais abrangente, a pouca relevância que se dá às mulheres no desenvolvimento de atividades produtivas ou que apresentem destaque político.

O trabalho das mulheres catadoras de Guarajubal, mesmo com toda sua relevância, não é reconhecido por seus companheiros ou pelas próprias catadoras. O que provoca este posicionamento de não reconhecer a importância de seu próprio trabalho está nos fatores acima apontados, mas também no fato de que estas mulheres não desejam alterar a ordem vigente entre os habitantes locais.

Mesmo que esta manutenção da "ordem" se refira ao chamado âmbito público, as mulheres catadoras omitem e não reconhecem publicamente a importância de seu trabalho por que estariam afirmando que seus companheiros de fato não garantem o desenvolvimento de seus papéis de provedores. No chamado âmbito doméstico é possível perceber que as decisões recaem mais sobre as mulheres do que sobre os homens, mas quando indagados publicamente, tanto uns como outros demonstram que o poder maior na família está nas mãos dos homens.

A vila de Guarajubal, assim como ocorre em outras vilas de pescadores, não se limita ao desenvolvimento de atividades restritas à pesca, pois o roçado e a caça também



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estão presente no cotidiano dos moradores desta vila. É possível perceber também na atividades lúdicas a multiplicidade de saberes presentes no modo de viver de seus habitantes.

Localizada no Nordeste do estado do Pará, a vila de Guarajubal apresenta-se como diversas outras que compõem o município de Marapanim. Banhado por diversos rios e igarapés, este município também se caracteriza pelo contato com o oceano Atlântico e, por conseguinte apresenta áreas de manguezal. A captura de peixes, camarões, caranguejo e outras espécies de crustáceos e moluscos é atividade presente na região desde períodos remotos, porém as atividades de beneficiamento do caranguejo ganhou maior destaque nas últimas décadas do século XX.

### **Mulheres e o trabalho na pesca**

A desconsideração do trabalho feminino pode ser melhor compreendida a partir da perspectiva de gênero por se tratar de algo que é uma construção social pois, “naturaliza-se” o trabalho da mulher como algo inerente ao domínio doméstico, quando ocorre sua inserção no domínio público o seu trabalho é visto como “ajuda” ao trabalho do homem. Essa dicotomia entre domínio público/privado é apenas uma dentre tantas que compõem a forma de ver e organizar o mundo segundo padrões ocidentais pois, o que é determinado como masculino e feminino em nossa sociedade pode não o ser em outras.

A desvalorização do trabalho feminino pela própria mulher está presente, por exemplo, nas seringueiras do médio Madeira e de Xapuri como nos mostram, respectivamente, Campbell (1996) e Simonian (1995). Essa forma de “deixar em segundo plano” a atividade produtiva da mulher dificulta até mesmo a produção e possíveis formas de mobilização e associação entre mulheres em suas respectivas atividades. Segundo Simonian (1995), o trabalho das seringueiras é discriminado ou silenciado, chegando a ser desconsiderado em vários momentos históricos relevantes. Essa desconsideração ocorre em vários planos, acarretando produção de trabalhos etnológicos, históricos e iconográficos que omitem a participação da mulher no processo produtivo da borracha. Há motivos que podem explicar o silêncio acerca do trabalho das seringueiras, bem como da luta e



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

resistência dessas em momentos de tensão, mas certamente que não se pode aceitar a desconsideração dessas atividades como vem ocorrendo continuamente em várias décadas. Mesmo considerando a intensa migração de homens para trabalhar em seringais, além de aspectos ideológicos sobre o trabalho nessas áreas, a mulher não deve ser vista como alheia a esse processo produtivo.

Ainda de acordo com Simonian (1995), as adversidades ambientais e sócio-culturais não foram suficientes para impedir a atuação direta ou indireta da mulher em seringais, porém a falta de um reconhecimento maior a respeito dessa atuação deve-se fortemente ao fato de que as mulheres internalizaram a ideologia que trata tais atividades como masculinas, em detrimento de seus próprios interesses. A desvalorização do trabalho feminino é apenas um aspecto das relações sociais entre os sexos existentes em nossa sociedade pois, não é apenas no nível público que ocorre a relação hierarquizada entre masculino e feminino, e nem tampouco tal hierarquização se limita a aspectos produtivos.

Não é apenas em sociedades ocidentais que as mulheres são desvalorizadas mas, no Ocidente a relação bipolar homem-cultura e mulher-natureza distorce a realidade e contribui para a manutenção do status dominante do masculino sobre o sexo feminino (Vieira, 1994). De acordo com Vieira, o sexo não é uma manifestação de algo inato ou “natural” do macho ou da fêmea; é a expressão de algo que tem se configurado ou produzido historicamente de acordo com cada formação social. Gênero portanto, é uma construção social sobre os sexos e tem uma existência concreta no nível interpessoal, familiar e público. Segundo Leacock ([1976] 1981) e Nash (1975), a mulher é impulsionada a lutar pela abertura de novos espaços devido à deficiência ou esquecimento de políticas públicas em relação a seus problemas. Sua capacitação é importante mas pouco apoio recebe para implementá-la e sua vasta jornada de trabalho dificulta uma maior mobilização nesse sentido.

Mesmo com o reconhecimento de sua importância a mulher é mais vista de forma hierarquizada em relação ao homem parecendo mais uma parte desse do que propriamente um ser autônomo. Além disso, ela é valorizada mais pelo seu papel de reprodutora social do que por ser um agente de transformação em potencial (ou mesmo um agente de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

conservação e equilíbrio ambiental). Cabe ressaltar também que a mulher é um indivíduo de extrema importância na questão ambiental por estar extremamente ligada ao manejo de recursos vitais para o grupo doméstico da qual faz parte (Kainer, Duryea, 1992; Shiva, 1993). Esses recursos ambientais são de uma abrangência ímpar e dizem respeito tanto às plantas medicinais e as utilizadas na alimentação; recursos hídricos, agrícolas e silvícolas; quanto à forma como são controladas em sua utilização pela mulher.

Em sociedades tradicionais, há uma associação entre o trabalho e o uso múltiplo de sistemas florestais, agrícolas e cuidados de animais. A conservação da biodiversidade está ligada à conservação de sistemas de vida. Porém, há um processo de homogeneização e uniformização da produção a partir de um modelo, defendido desde o final da Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela valorização da monocultura de grãos, cuja denominação passou a ser Revolução Verde (Shiva, 1993). Essa defesa da uniformidade da produção através da implementação tecnológica intensifica a destruição da diversidade além de considerar que sistemas de produção baseados na diversidade são economicamente baixos. Ações de homogeneização da produção, como a Revolução Verde, denotam a falta de consideração de saberes tradicionais e dificultam a preservação de ecossistemas.

A escola de pensamento Ecofeminismo concorda que, segundo Zimmerman (1994), a crise ecológica origina-se em parte do dualismo e atomismo hierárquico da modernidade. De acordo com o Ecofeminismo, o patriarcalismo é a forma original de opressão, da dominação de mulheres e também da exploração de formas de vidas não humanas.

Uma tarefa importante para o Ecofeminismo Cultural, no entendimento de Zimmerman, é reconciliar um progressivo, e até mesmo uma visão utópica do futuro, com crítica da idéia de modernidade patriarcal de progresso. Patriarcalismo é, no entendimento de ecofeministas, uma ideologia fundada na suposição de que o homem é distinto do animal e portanto, superior a este. Além disso ele é fundamentado no dualismo binário que identifica as mulheres com natureza, corpo e emoção, e homens com razão transcendente, espírito e divindade. A base para esta superioridade é o “contato” do homem com um poder-conhecimento chamado deus. O homem busca se despir de tudo que considera



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

diferente e assim abaixo da razão: animalidade, feminilidade, emoções, moralidade plana. Acima de tudo ele busca ficar independente da natureza. Criando um mundo artificial que está completamente debaixo de seu controle.

A dominação da mulher se dá, segundo a lógica do homem patriarcal, a partir dessa visão dualista de que o homem é mais humano que ela e, por ser menos humana, ela estaria sujeita a tal dominação. Ao nível ideológico esta justificativa se aplicaria também à algumas pessoas que, mesmo sendo do sexo masculino, seriam consideradas inferiores devido à diferenças étnicas, religiosas e sociais. Da mesma forma, animais e florestas seriam passivos de dominação e exploração devido à sua condição não humana e portanto “inferior”. Esse “antropocentrismo” justificaria a hierarquia social e ecológica segundo o qual: o que é mais humano pode dominar o que é menos humano.

Todavia, esse homem caracteriza a sociedade ocidental a partir de movimentos que valorizam sobremaneira a razão em detrimento da emoção. Além disso é necessário salientar que homens também são dominados e explorados nesta sociedade por outros homens. Assim, cautela é importante quando se trata de generalizações acerca do domínio masculino sobre o feminino a partir do patriarcalismo como se isto fora presente em todos os períodos e sociedades.

A visão de que as mulheres são seres absolutamente passivos, dominados e que não resistem diante da opressão dificilmente condiz com a realidade, e isto os estudos feministas têm demonstrado amplamente. Nesta perspectiva, ainda que de forma tímida algumas mulheres infringem as normas desta dominação patriarcal de várias maneiras. Esta “resistência” pode ser vislumbrada em várias sociedades tradicionais, como é o caso da vila de Guarajubal, onde mães apoiam suas filhas solteiras grávidas ou não virgens diante da ira de seus companheiros; ou quando vão ao mangal tirar caranguejo mesmo estando menstruadas; ou ainda quando passam a controlar o número de filhos através de métodos anticoncepcionais diversos, embora seus companheiros desejem um número maior de filhos.

As feministas culturais apesar de concordarem com propostas pós-modernas não evitaram fazer generalizações a partir de suas próprias experiências de mulheres brancas e



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

de classe média. A polifonia só passou a fazer parte efetivamente a partir das contundentes críticas ao Ecofeminismo Cultural. Essa escola de pensamento é criticada devido às generalizações feitas inicialmente sobre o patriarcalismo, sem que fossem percebidas as particularidades de sua própria sociedade e as do Terceiro Mundo.

Entretanto, as críticas desferidas ao pensamento moderno, por várias escolas de pensamento, contribuem de certa forma na adoção de uma postura menos hierárquica e dualista. O não dualismo não assegura que “tudo são um”, mas que há um “não dois”. O não dualismo evita a homogeneização e contribui na percepção da existência de diferenças e identidades individuais. Sejam elas em pessoas de ambos os sexos ou em pessoas de sociedades diversas.

A não consideração do trabalho feminino na pesca é apontada, dentre outros fatores, como resultado da relação hierarquizada entre os gêneros nas próprias comunidades pesqueiras, que vêem apenas os homens como pessoas ligadas à pesca. Essa visão é decorrente da própria formação de pescadores que privilegia a aprendizagem do saber ligado à pesca apenas aos homens, cabendo à mulher outras atividades produtivas. Uma das causas dessa invisibilização do trabalho feminino na pesca refere-se ao que Alencar (1993) considera como modelo bipolar da divisão sexual do trabalho. Woortmann (1992), considera, de forma semelhante que a bipolaridade espacial das atividades desenvolvidas por homens e mulheres gera visões distorcidas sobre as mesmas pois, a oposição entre os sexos não é apenas simétrica mas hierárquica.

Os vários motivos que levam as comunidades pesqueiras, o poder público e a própria academia a não considerarem o trabalho feminino nesta atividade são identificados por pesquisadores que desenvolvem estudos sobre essa temática. Os estudos sobre mulher e pesca são aparentemente reduzidos no Brasil mas, a partir da análise da produção de trabalhos antropológicos que envolvam essa temática, é possível observar que tal produção acadêmica é relevante. Motta-Maués (1999), a partir dos trabalhos acadêmicos publicados no Brasil desde a década de 1970 até os dias atuais chama atenção para o reduzido número de trabalhos publicados sob esse tema, porém considera que na verdade há bastante



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

produção científica mas, a forma como os trabalhos são registrados e catalogados é que nos leva a pensar que eles são restritos ou sequer existem.

A invisibilização da mulher na pesca pode vir a ser superada, inicialmente, a partir da utilização cuidadosa do modelo bipolar de atividades entre os sexos - segundo o espaço e tempo de uma determinada sociedade. Se em uma sociedade o espaço aquático é predominantemente masculino e o terrestre é predominantemente feminino, certamente isso não é uma garantia de que seja uma regra a ser generalizada a outras sociedades

### **O trabalho da catadora**

O trabalho das mulheres catadoras consiste em separar a carne do caranguejo (*Ucides cordatus*) de seu exoesqueleto. O processo de produção de massa de caranguejo tem início com a captura do animal das áreas de mangue e termina com o acondicionamento da massa em sacos plásticos. A catação de caranguejo foi implantada há aproximadamente dez anos na região do município de Marapanim e, pelo que se evidencia na região, este tipo de trabalho provocou mudanças socioculturais nas diversas vilas que compõem este município.

As catadoras são predominantemente mulheres adultas, casadas e com filhos, pois segundo essas mulheres o trabalho da catação permite que se obtenha renda sem necessariamente se afastar do espaço doméstico. Essa preocupação em conciliar trabalho remunerado da catação e o não remunerado trabalho da casa (cuidados com filhos, preparação de alimentos, cultivo de hortas e criação de animais domésticos, dentre outros) está presente somente entre as mulheres com esse perfil, pois as mulheres solteiras e sem filhos buscam trabalho remunerado na sede do município ou em outros municípios da região nordeste do estado do Pará.

A jornada diária de trabalho das catadoras tem início nas primeiras horas do dia com a execução de atividades ligadas à casa, tais como: preparar alimentos, lavar roupas cuidar dos filhos e da roça, fazer reparos em roupas e apetrechos da pesca. Após o almoço as catadoras dão início ao trabalho de catação propriamente dito e se prolongam com esta atividade até o entardecer.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A catação é a principal etapa de beneficiamento da carne do caranguejo. Porém, este beneficiamento começa com a captura deste crustáceo no mangue pelo tirador (pessoa predominantemente do sexo masculino que retira o animal de sua toca), passando pelo seu cozimento com água e sal em latões. Após o cozimento é que as mulheres passam separar a carne da casca do caranguejo e armazená-la para posterior entrega ao atravessador deste produto, cuja denominação local é marreteiro.

As mulheres tornam-se catadoras a convite de vizinhas (geralmente parentes) ou amigas para ajudarem na catação. Esta ajuda não se refere apenas à quantidade a ser catada, mas principalmente ao tempo utilizado com esta atividade, pois o que se procura é companhia de alguém para conversar e tornar o trabalho mais prazeroso. Na verdade a "ajuda" é mais uma estratégia de lazer dentre as mulheres de Guarajubal do que uma busca de diminuição de sobrecarga de trabalho diário.

Uma outra possível maneira de se tornar catadora é no momento em que os filhos ajudam suas mães quando estas estão a catar. Todavia, esta forma de aprendizado não se restringe apenas à catação mas, a todos os outros saberes tradicionais inerentes a este município. Além disso, mesmo quando se aprende a catar para ajudar a mãe ou para o consumo do caranguejo como alimento, esta forma de saber é incentivada mais entre as pessoas do sexo feminino que entre as do sexo masculino, pois aos homens cabem o aprendizado de atividades localmente estabelecidas como masculina e, dentre elas certamente não consta a catação.

Tornar-se catadora nesta região requer paciência em permanecer horas de pé batendo no caranguejo com um pequeno pedaço de madeira até que a carne se separe de seu exoesqueleto (ou casca). A quantidade de massa produzida diariamente exige que as catadoras permaneçam até seis horas executando esta tarefa, pois para se produzir aproximadamente dois quilos de massa são necessários 120 caranguejos. As catadoras demonstram, além da paciência e interesse em manter seus filhos ainda pequenos por perto, disponibilidade em executar tarefa repetitiva e que machuca seus dedos devido aos cortes provocados quando separam a carne da casca.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Todavia, mesmo diante destas possíveis adversidades, as mulheres que se tornaram catadoras de caranguejo praticamente não encontram outra alternativa de trabalho remunerado na região. Apesar dos problemas advindos com a catação, estas mulheres reconhecem as mudanças positivas que este trabalho provocou em suas vidas e nas vidas das pessoas de suas famílias.

### **Notas conclusivas**

As mudanças advindas com a implantação do trabalho das catadoras podem ser percebidas tanto no que diz respeito aos aspectos Sócio-Econômicos, mas também e principalmente, a partir de aspectos culturais. Estas mulheres passaram a ter um *status* Sócio-Econômico alterado, pois a remuneração advinda da catação lhes garantiu poder de decisão mais ampliado em seu espaço familiar.

A decisão sobre o número de filhos do casal recai atualmente, em Guarajubal, mais sobre a mulher e esta mudança é consequência direta da maior participação das mulheres casadas no mercado de trabalho. Certamente que outros fatores, como a ampliação da influências de programas televisivos nesta vila foi, por exemplo, um desses fatores, mas as mudanças nos costumes destas pessoas foi provocada pelo maior poder aquisitivo das mulheres que trabalham no beneficiamento do caranguejo.

Afirmar que a diminuição do número de filhos está diretamente ligada ao fato das mulheres casadas e catadoras terem ampliado a renda mensal de suas famílias deve-se à observação de que outras alterações também foram sentidas a partir desta ampliação. Dentre as mulheres das vilas do município de Marapanim, observou-se que apenas as catadoras de caranguejo não eram vítimas de violência doméstica desferida por seus companheiros. As mulheres casadas que passaram a obter renda somente a partir de sua inserção na cadeia produtiva da massa de caranguejo, ou seja, as que já eram casadas antes d implantação desta atividade, passaram a não aceitar a violência de seus companheiros. Em contrapartida, as mulheres não catadoras sofrem uma série de violências deste tipo.

O beneficiamento da carne do caranguejo, denominado como massa de caranguejo, provocou alterações na vida dos habitantes da região nordeste do estado do



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Pará. Precisamente nas vilas do município de Marapanim, mulheres casadas até então sem perspectivas de obtenção de trabalho remunerado, assistiram a uma maior inserção a este mercado a partir da possibilidade de conciliar ganho de renda com as atividades atribuídas às suas características de mães e companheiras.

Mulheres catadoras, bem como os tiradores de caranguejo, reconhecem que o aumento da produção ou a manutenção desta em períodos de reprodução e troca de casco, comprometerão futuramente a espécie deste crustáceo. A preocupação ambiental se faz presente entre os que trabalham diretamente com o beneficiamento da carne de caranguejo. Todavia, a falta de políticas públicas voltadas para uma possível implantação de período de defeso do caranguejo impõe sua captura, beneficiamento e comercialização em situações comprometedoras para manutenção desta espécie.

### **Bibliografia:**

- ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras, In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) *Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia*, Belém: MPEG, 1993. p.63-81.
- CAMPBELL, C. Women's group of Xapuri – out on the front lines but still struggling for voice. In; ROCHELEAU, D. et al (orgs.) *Feminist political ecology*. London: Routledge., 1996. p.27-61.
- KAINER, K. A. & DURYEA, M. L. Tapping women's knowledge: plant resource use. In: Extrative reserves, Acre, Brazil. *Economy Botany*. 1992, 46(4):408-425.
- LEACOCK, E. B. Women and anthropological facts and fiction – In: *Myths of male dominance*. New York: Monthly Review Press, 1981. p.310-316.
- MOTTA-MAUÉS, M. A. Pesca de homem/peixe de mulher(?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. In: *Etnográfica*, Vol. III (2). Lisboa: 1999. p.377-399.
- NASH, J. Certain aspects of the integration of women en the development process: a point of view. Paper apresentado na *Conferência Internacional do Ano da Mulher*, 1975.
- SHIVA, V. Women's indigenous knowledge and biodiversity. In: MIES, M. & SHIVA, V. (Orgs.) *Eco-feminism*. Halífase: Fernwood Publications, 1993. p.164-173.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- VIEIRA, E. M. M. *O Mainstream: a mulher e o meio ambiente*. In: LIMA, N. (Org.) *Mulher e meio ambiente*, Col. Gênero e Cidadania. Maceió: Edufal/UFAлагоas, 1994. p.52-61.
- WOORTMANN, E. F. Da Complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em “comunidades pesqueiras” do nordeste. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 18, 1992. p.41-60.
- ZIMMERMAN, M. E. Ecofeminism’s critique of the patriarchal domination of woman and nature; Ecofeminism and deep ecology. In: *Contesting earth’s future – radical ecology and postmodernity*. Los Angeles: University of California Press, 1994. p.233-275. 276-317.